

Criação Lexical: Processos Produtivos no Português Contemporâneo

Luiz Carlos de Assis Rocha

«Si les principes sur lesquels nous nous réglons avaient été établis par d'autres que par des disciples d'Aristote, notre grammaire française serait assurément tout autre».

J. VENDRYES

1. INTRODUÇÃO

Pretende este trabalho descrever os processos produtivos de criação lexical no português contemporâneo.

É preciso, inicialmente, estabelecer algumas posições com relação ao assunto, quer sob o ponto de vista teórico, quer sob o ponto de vista metodológico. Tendo como base o primeiro período desta introdução, podemos levantar algumas questões preliminares, que serão discutidas a seguir:

- que se entende por **processos produtivos** de criação lexical?
- estamos tratando dos **processos de formação de palavras**, ou seja, as maneiras pelas quais surgem novos vocábulos em português. É preciso ter em mente esta questão: o surgimento de um novo vocábulo.
- a questão se situa no âmbito do português contemporâneo.

1.1. Consideramos como **processo produtivo** de formação de palavras aquele que serve de base para a formação de um novo vocábulo. É assim, por exemplo, que um determinado escritor, ou um

falante da língua portuguesa poderá servir-se, na língua atual, da sufixação para a criação de um novo vocábulo. Foi, aliás, o que fez a conhecida personagem do conto «São Marcos», de Guimarães Rosa:

«...e, ao descobrir, no meio da mata, um anjelim que atira para cima cinqüenta metros de tronco e fronde, quem não terá ímpeto de criar um vocativo absurdo e bradá-lo — Ó colossalidade! — na direção da altura?»¹ (o grifo é nosso).

Há dois critérios principais, sob o ponto de vista sincrônico, para se saber se um processo é produtivo em português, ou seja, se um processo pode servir realmente de base para a criação de um novo vocábulo.

O primeiro deles está relacionado com o modelo de linguagem popular. A onomatopéia será analisada aqui em seu devido lugar, mas podemos adiantar que vamos considerá-la efetivamente como um processo de formação de palavras, pelo fato de, na linguagem popular, servir de base para o surgimento de novas palavras. É o caso de: reco-reco, zigue-zague, tique-taque, piar, miar, zum-zum, cacarejar, etc.

Também a linguagem literária é um indicador das tendências da língua contemporânea, principalmente nos tempos atuais, em que se nota uma aproximação bastante estreita entre a língua dos escritores e a popular. Veremos em nosso trabalho, no caso dos regressivos, por exemplo, que as criações de Guimarães Rosa vêm confirmar a autenticidade desse processo na Língua Portuguesa atual.

1.2. Outro ponto de vista que deve ficar bem claro em nossas discussões é o de que estamos tratando da **criação de novos vocábulos**. Um dos critérios para se aceitar um processo como válido é o da **funcionalidade**. Através de determinado processo surgem realmente novos vocábulos em português? Certos processos não apresentam dúvida com relação ao que acabamos de dizer: há, realmente, o surgimento de novas palavras. É o que se dá, por exemplo, com a sufixação ou com a composição, para citar apenas casos irrefutáveis. O ponto de vista aqui apresentado deverá estar presente em todos os processos de formação de palavras. Servirá de indicador se a derivação regressiva, a mudança de classe ou a formação de siglas, por exemplo, são ou não, processos de que podemos nos servir para formar novos vocábulos.

É preciso ter em mente que o signo lingüístico é a união do significante com o significado. Se houver mudança substancial em uma das partes, evidentemente estaremos diante de uma nova palavra.

1.3. Finalmente, dissemos que este trabalho pretende descrever os processos produtivos de formação de palavras no português contemporâneo.

Ao fazer a análise e a descrição de determinado fenômeno lingüístico, o observador deve colocar-se em uma das duas posições estabelecidas por Saussure: a sincrônica ou a diacrônica. Constitui um elementar erro de método a mistura dos dois planos.

Para o estudo dos processos de formação de palavras, iremos adotar uma posição sincrônica, pois o que nos interessa no momento é a descrição do português atual; interessa-nos estabelecer as regras de funcionamento dos vários processos de criação lexical. Para tanto, as justificativas e as argumentações deverão se apoiar na estrutura e funcionamento da língua atual.

2. A CRIAÇÃO LEXICAL NAS GRAMATICAS ATUAIS

Na impossibilidade de fazer um estudo mais abrangente a respeito do que já se publicou sobre formação de palavras, vamos nos limitar a apresentar as sínteses de sete posições a respeito do problema. Trata-se de seis gramáticas e de uma obra publicada recentemente a respeito de morfologia do português.

I — CELSO CUNHA ²

Derivação	{	prefixal
		sufixal
		parassintética
		regressiva
		imprópria
Composição	{	justaposição
		aglutinação
Hibridismo		
Onomatopéia		
Abreviação vocabular		
Sigla		

II — EVANILDO BECHARA ³

Derivação { sufixal
 prefixal
 parassintética

Composição { justaposição
 aglutinação

Formação regressiva
Abreviação
Reduplicação
Conversão
Hidridismo

III — CELSO PEDRO LUFT ⁴

Derivação { sufixal
 prefixal
 prefixo-sufixal ou
 parassintética
 regressiva

Composição { justaposição
 aglutinação

Hibridismo

IV — GLADSTONE CHAVES DE MELO ⁵

Derivação { sufixal ou progressiva
 prefixal
 regressiva
 parassintética

Mudança de classe
Composição
Outros processos (onomatopéia)

V — SAID ALI ⁶

Derivação { sufixal
 prefixal
 parassintética
 regressiva

Composição
Hibridismo

VI — DOMINGOS PASCHOAL CEGALLA ⁷

- Derivação {
 - por sufixação
 - por prefixação
 - por deriv. parassintética ou parassíntese
 - regressiva
 - imprópria
- Composição {
 - justaposição
 - aglutinação
- Redução (sigla)
- Hibridismo
- Onomatopéia

VII — M. CECÍLIA P. DE SOUZA E SILVA & INGEDORE VILLAÇA KOCH ⁸

- Derivação {
 - prefixal
 - sufixal
 - prefixal e sufixal
 - parassintética
 - regressiva (?)
- Composição {
 - justaposição
 - aglutinação
- Abreviação
- Reduplicação (onomatopéia)
- Siglas

Apresentamos, em seguida, um quadro de correspondências entre os diversos processos citados pelos autores. Tem esse quadro a finalidade de apresentar uma visão geral do problema e de esclarecer as nomenclaturas adotadas por certos autores. É assim, por exemplo, que a **derivação imprópria** de Celso Cunha corresponde à **conversão** de E. Bechara e à **mudança de classe** de Gladstone Chaves de Melo. É evidente que o quadro simplifica bastante a questão e não deixa entrever posicionamentos epistemológicos mais profundos. Entre a **derivação imprópria** de Celso Cunha e a **conversão** de Bechara existe a questão anterior da **derivação** propriamente dita. Mas essa posição está clara nas sinopses apresentadas anteriormente. O quadro apresentado em seguida nos dá, enfim, uma visão dos desencontros que existem nessa matéria, no âmbito da gramática portuguesa.

C. CUNHA	BECHARA	LUFT	GLADSTONE	SAID ALI	CEGALIA	SILVA/KOCH
der. prefixal	der. prefixal	der. prefixal	der. prefixal	der. prefixal	der. por prefixação	der. prefixal
der. sufixal	der. sufixal	der. sufixal	der. sufixal ou progressiva	der. sufixal	der. por sufixação	der. sufixal
der. parassintética	der. parassintética	der. pref.-sufixal ou parassintética	der. parassintética	der. parassintética	der. parassintética	der. parassintética
der. regressiva	der. regressiva	der. regressiva	der. regressiva	der. regressiva	der. regressiva	(?)
der. imprópria	conversão		mudança de classe		der. imprópria	
						der. prefixal e sufixal
composição por justaposição	composição por justaposição	composição por justaposição		composição	composição por justaposição	composição por justaposição
composição por aglutinação	composição por aglutinação	composição por aglutinação		composição	composição por aglutinação	composição por aglutinação
hibridismo	hibridismo	hibridismo		hibridismo	hibridismo	
onomatopéia			onomatopéia		onomatopéia	onomatopéia
abreviação vocabular	abreviação	der. regressiva			redução	
sigla					redução (sigla)	sigla
	reduplicação					reduplicação (onomatopéia)

3. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

No português contemporâneo há três processos produtivos de formação de palavras: **derivação**, **composição** e **onomatopéia**. Isso quer dizer que a entrada de qualquer palavra na língua portuguesa atual se dá através de um dos processos acima mencionados. Entendemos por **processo** o mecanismo ou a regra especial que explica a formação de um novo vocábulo na língua.

3.1. DERIVAÇÃO

A regra geral para a formação de palavras através da derivação é:

$[x] \longrightarrow [x']$

A leitura da regra é: $[x]$ faz surgir $[x']$, $[x]$ origina $[x']$ ou, em direção contrária: $[x']$ provém, origina, é formado de $[x]$.

A passagem de $[x]$ para $[x']$ pode ser feita sob várias formas.

3.1.1. Derivação prefixal

$[x] + [\text{pref.}] \longrightarrow [x']$

Se a um vocábulo $[x]$ acrescentarmos um prefixo, teremos um novo vocábulo, $[x']$. Exemplos:

a-	+ correr =	acorrer	a-	+ pôr =	apor
com-		concorrer	ante-		antepor
de-		decorrer	com-		compor
es-		escorrer	contra-		contrapor
in-		incorrer	de-		depor
o-		ocorrer	ex-		expor
per-		percorrer	im-		impor
re-		recorrer	inter-		interpor
so-		socorrer	o-		opor
trans-		transcorrer	pos-		pospor
			pro-		propor
			re-		repor
			soto-		sotopor
		trans-	transpor		

com- { + domínio {condomínio {arqui- + milionário = {arquimillionário
 pre- { + domínio {predomínio {multi-

A anexação do prefixo pode dar-se também a uma forma presa:

{ a- com- ex- inter- pre- pro- retro- su-	+ -ceder =	{ aceder conceder exceder interceder preceder proceder retroceder suceder	{ a- com- de- in- inter- pre- pro- trans-	+ -ferir =	{ aferir conferir deferir inferir interferir preferir proferir transferir
--	------------	--	--	------------	--

{ a- com- de- in- pro- re- tra	+ -duzir	{ aduzir conduzir deduzir induzir produzir reduzir traduzir	{ a- pro- re- trans-	+ -gredir	{ agredir progredir regredir transgredir
--	----------	---	-------------------------------	-----------	---

{ com- per- re-	+ -ceber	{ conceber perceber receber	{ pre- pós-	+ -fácio	{ prefácio posfácio
-----------------------	----------	-----------------------------------	----------------	----------	------------------------

Essa é, via de regra, a posição dos gramáticos perante o problema. Têm surgido, porém, algumas posições contrárias à que acabamos de apresentar. É o caso, por exemplo, de Horácio Rolim de Freitas, que interpreta como primitivos os vocábulos que acabamos de citar, do tipo: conceder, exceder, interceder ou conceber, perceber, receber ou conduzir induzir, produzir, etc. Sua justificativa é a seguinte:

«... se os elementos -ceber e -duzir dos exemplos acima não têm valor significativo para o sujeito-falante, no estado atual da língua, obviamente, não há um sintagma em re+ceber, re+duzir, do que se pode deduzir que o segmento re- não representa um prefixo nesses exemplos».⁹

É essa também a posição de M. Cecília P. de Souza e Silva e Ingedore Villaça Koch:

«Considerar derivadas, palavras como **submisso, perceber, conduzir, admitir**, a partir de uma pseudo forma livre **-misso-, -ceber-, -duzir-, -mitir-**, com o acréscimo dos prefixos **sub-, per-, com- e ad-** represente um critério diacrônico válido apenas no estudo histórico, já que no estágio atual da língua esses morfemas lexicais inexistem. Assim, tais vocábulos devem ser tratados como **palavras primitivas**».¹⁰

Não concordamos com a posição adotada por Horácio Rolim e por Silva & Koch pelos motivos que passamos a analisar.

a) Horácio Rolim fundamenta sua posição no fato de que elementos como **-ceber e -duzir** «não têm valor significativo para o sujeito falante...» Surge, portanto, a questão do «sentido» das formas mínimas, tão debatida pelos lingüistas, de um modo geral, e, de uma maneira especial, pelos estruturalistas.

É preciso considerar primeiramente que raízes como: **-ceder, -ferir, -duzir, -ceber e -gredir**, apenas para citar algumas, não são, de todo, destituídas de significação. A forma **-gredir**, por exemplo, está, de algum modo, relacionada com a idéia de 'movimentar', 'andar', 'ir', nas palavras em que aparece. Pode-se notar esse sentido em:

progredir — movimentar, ir, andar para frente
regredir — movimentar, ir, andar para trás
transgredir — ir além, do outro lado
agredir — ir em direção de alguém ou de alguma coisa

É evidente que se tem que considerar a forma presa enquanto parte de uma palavra. É por isso que muitas vezes é difícil estabelecer o sentido isolado de **-ceder, -ceber, -duzir, -ferir**, etc.

Em todas as formas presas existe um sentido, às vezes não muito claro, mas que se pode estabelecer. Em **-ceder, -ferir, -duzir e -ceber**, enquanto partes de vocábulos, é possível perceber-se uma idéia vaga de 'movimento' ou de 'deslocamento'. Do contrário, como se poderia estabelecer uma antinomia entre **preceder e suceder**, no sentido de que o primeiro significa 'vir antes' e o segundo 'vir depois'? Do mesmo modo, **preceder** significaria simplesmente 'anterio-

ridade', 'precedência' e suceder, 'movimento de baixo para cima', 'inferioridade'. Em outras palavras, os sentidos dessas palavras estariam contidos nos prefixos.

Acrescente-se a isso o fato de que o problema da significação dos morfemas não é questão basilar na descrição lingüística, principalmente se se adota uma posição formal, como é a que estamos pretendendo seguir. A esse respeito, convém transcrever as palavras de R. H. Robins:

«Será proveitoso investigar os tipos de funções semânticas (até o ponto em que estas possam ser estabelecidas) que são atribuídas a diferentes aspectos gramaticais em uma língua e até que ponto tais correlações semânticas e gramaticais podem ser provadas; isto, porém, deve ser realizado somente depois que a análise formal da língua em estudo tenha sido levada a efeito».¹¹

Embora Robins esteja se referindo à questão do significado das formas gramaticais, e o nosso problema, no momento, seja o do conteúdo semântico das chamadas «raízes», a passagem do lingüista inglês é interessante, pois realça a precedência do ponto de vista formal na descrição lingüística. Só «depois que a análise formal da língua em estudo tenha sido levada a efeito» é que se tentará investigar as funções semânticas.

MARGARIDA BASÍLIO desce ao âmago da questão que estamos discutindo:

«Na realidade, a afirmação de que raízes e afixos não têm significado é tão inadequada quanto a afirmação de que ambos sempre têm significado».¹²

Mais adiante conclui a lingüista:

«Em suma, temos que admitir que a presença de algum significado não é o que caracteriza morfemas, mas temos também que admitir que muitos — se não a maior parte — dos morfemas, na realidade, apresentam significados específicos».¹³

b) Outro ponto a considerar com relação à posição de Horácio Rolim diz respeito à possibilidade de os elementos *-ceber* e *-duzir*

não terem valor significativo para o **sujeito-falante**. Embora o falante deva ser o ponto de partida em toda descrição lingüística, é preciso deixar claro que ele não passa de um informante da língua, sob o ponto de vista exclusivo da comunicação. A sua «autoridade» cessa, digamos assim, quando entramos no campo da teorização. A contraparte de análise da língua, com seus posicionamentos teóricos a respeito deste ou daquele fenômeno lingüístico, cabe, evidentemente, ao lingüista. Não fosse assim, todos os falantes de determinada língua seriam lingüistas ou gramáticos. Ora, o que se dá não é bem isso. Todos sabemos dos equívocos generalizados em que recai a maioria dos falantes com relação a determinados fatos da língua. Basta citar, por exemplo, o gênero do substantivo em português, que muitas pessoas confundem com a questão do sexo. O falante não é, via de regra, um observador imparcial e objetivo da sua língua. O falante do português não é, por conseguinte, o melhor juiz para decidir se **-ceber** e **duzir** têm ou não, valor significativo. Vimos que é possível detectar nessas formas um significado, embora vago e difuso. Mas essa não é, na verdade, a questão mais importante. A análise formal é que define o problema. Passemos ao terceiro argumento.

c) Silva & Koch consideram como primitivas palavras do tipo **submisso**, **perceber**, **conduzir** e **admitir**. Considerar tais vocábulos como sendo constituídos de prefixos + formas livres **-misso**, **-ceber**, **-duzir**, e **-mitir** é, segundo as autoras, adotar uma posição diacrônica perante o problema, «já que no estágio atual da língua essas morfemas lexicais inexistem. Assim, tais vocábulos devem ser tratados como palavras primitivas».

A questão básica reside no fato de que devemos considerar **-misso**, **-ceber**, **-duzir** e **-mitir** não como formas livres, como afirmam as autoras, mas como formas presas. Na verdade, não há inconveniência ou incoerência nessa posição. Desde Bloomfield que o conceito de forma presa já foi suficientemente introduzido em lingüística, com inegáveis vantagens para a descrição das línguas, além de inequívoca utilidade técnica e científica. A Língua Portuguesa é rica em formas presas providas de raízes, não só quando se trata de casos de prefixação, como os que estamos analisando, como também nos chamados «compostos eruditos». São exemplos de formas presas em português: **oni-** ('todo'); **semi-** ('metade'); **sesqui-** ('um e meio'); **-cida** ('que mata'); **-cola** ('que cultiva ou habita'); **fero-** ('que contém ou produz'); **-paro** ('que produz'); **anemo-** ('vento'); **arqueo-** ('antigo');

cali- ('belo'); criso- ('ouro'); -doxo ('que opina'); -fagia ('ato de comer'); -fero ('que leva ou conduz'), etc.

Não se trata, portanto, de adotar uma posição diacrônica perante o problema. A posição é nitidamente sincrônica.

Observemos os exemplos abaixo:

$\left\{ \begin{array}{l} \text{a-} \\ \text{com-} \\ \text{de-} \\ \text{es-} \\ \text{in-} \\ \text{o-} \\ \text{per-} \\ \text{re-} \\ \text{so-} \\ \text{trans-} \end{array} \right.$	+ correr =	$\left\{ \begin{array}{l} \text{acorrer} \\ \text{concorrer} \\ \text{decorrer} \\ \text{escorrer} \\ \text{incorrer} \\ \text{ocorrer} \\ \text{percorrer} \\ \text{recorrer} \\ \text{socorrer} \\ \text{transcorrer} \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} \text{a-} \\ \text{com-} \\ \text{ex-} \\ \text{inter} \\ \text{pre} \\ \text{pro} \\ \text{retro} \\ \text{su} \end{array} \right.$	+ -ceder =	$\left\{ \begin{array}{l} \text{aceder} \\ \text{conceder} \\ \text{exceder} \\ \text{interceder} \\ \text{preceder} \\ \text{proceder} \\ \text{retroceder} \\ \text{suceder} \end{array} \right.$
--	------------	--	--	------------	---

Trata-se, nas duas séries de exemplos, de derivação por prefixação. A única diferença é que, no primeiro caso partiu-se de formas livres da língua e, no segundo caso, de formas presas. Adotamos, portanto, uma posição formal e sincrônica para a resolução do problema.

3.1.2. Derivação sufixal

A derivação sufixal não oferece problemas de descrição no quadro geral da criação léxica em português. Sua regra é:

$[x] + [\text{suf}] \longrightarrow [x']$

São exemplos de derivação sufixal:

avó + zinha	→	avozinha
pirata + aria	→	pirataria
reitor + ia	→	reitoria
imundo + ície	→	imundície
piano + ista	→	pianista
concorrer + ência	→	concorrência
dedo + ilhar	→	dedilhar

3.1.3. Derivação parassintética

[x] + [pref. + suf.] → [x']

Na derivação parassintética verifica-se a anexação simultânea de prefixo e sufixo a uma determinada raiz.

São exemplos de vocábulos parassintéticos:

des + alm + ado → desalmado
en + tard + ecer → entardecer
a + manh + ecer → amanhecer
a + doç + ar → adoçar
a + munhec + ar → amunhecar
em + pobr + ecer → empobrecer
en + ric + ecer → enriquecer
en + dur + ecer → endurecer
a + noit + ecer → anoitecer

3.1.4. Derivação prefixal e sufixal

[x] + [pref.] + [suf.] → [x']

Na derivação prefixal e sufixal parte-se de uma determinada raiz e, com o acréscimo de um prefixo e de um sufixo, tem-se um novo vocábulo. Neste processo a anexação dos afixos não é simultânea. Sob o ponto de vista diacrônico, houve primeiro a junção de um dos afixos e depois, de outro. É assim que do verbo **cobrir** foi formado primeiramente **descobrir** (séc. XIII) e depois **descobrimento** (séc. XIX), de acordo com o **Dicionário Etimológico** de Antônio Geraldo da Cunha.¹⁴ Sob o ponto de vista sincrônico, desaparece a precedência de um afixo sobre o outro. Mas, de qualquer forma, permanece o processo e é possível enxergar em **descobrimento** uma das seguintes formações:

- 1-a) **cobrir + mento** → **cobrimento**
b) **des + cobrimento** → **descobrimento**
ou
2-a) **des + cobrir** → **descobrir**
b) **descobrir + mento** → **descobrimento**

Na derivação prefixal e sufixal, da maneira como estamos tentando estabelecer, ou seja, sob o ponto de vista exclusivamente sincrônico, desaparece a questão da precedência dos afixos, o que justifica o estabelecimento do processo em pauta. Considerada de outra maneira, isto é, interpretando-se a anexação de afixos à raiz como tendo sido feita em estágios diacrônicos diferentes, é evidente que a derivação prefixal e sufixal, como um processo formalmente estabelecido, não existe.

São exemplos de vocábulos formados por derivação prefixal e sufixal: **deslealdade, incorporação, combatente, injustiça, inábil, desumano, infelizmente, etc.**

3.1.5. Derivação regressiva

$[x] - [x_1] \longrightarrow [x']$

Na derivação regressiva dá-se a redução do vocábulo básico. $[x^1]$ significa 'parte de $[x]$ ' ou 'segmento de $[x]$ '. De acordo com os segmentos extraídos, é possível estabelecer cinco sub-tipos de regressivo.

3.1.5.1. Regressivo deverbal

$[x] - [VT + \text{des. infinit.}] \longrightarrow [x']$

De acordo com a fórmula estabelecida, parte-se de uma forma verbal no infinitivo e dela se subtraem a vogal temática e a desinência de infinitivo. O novo vocábulo é, evidentemente, derivado do primeiro, no sentido que vimos estabelecendo: $[x']$ foi formado a partir de $[x]$. Nesse caso, porém, a derivação se dá, como se costuma dizer, «às avessas». Em vez de se acrescentar algum sufixo ou segmento a determinado vocábulo, desse vocábulo se subtrai algo, ou, mais especificamente, no caso que estamos analisando, a vogal temática e a desinência de infinitivo.

Celso Cunha cita em sua *Gramática da Língua Portuguesa* os seguintes exemplos de regressivos:

afago (afagar); amparo (amparar); apelo (apelar); recuo (recuar); sustento (sustentar); apara (aparar); perda (perder); ataque (atacar); toque (tocar); ¹⁵ etc.

Poder-se-ia, porém, fazer a seguinte indagação, como propusemos no início deste trabalho: a derivação regressiva é realmente um processo produtivo de formação de palavras no português contemporâneo?

Todos os autores de gramáticas que citamos no item 2 deste trabalho entendem que a regressão é um processo de formação de palavras. Quem coloca alguma dúvida com relação ao processo são as autoras M. Cecília P. de Souza e Silva e Ingedore Villaça Koch, que apresentam os processos da seguinte maneira:

«... pode-se falar na existência de quatro tipos de derivação:

- a) prefixal...
- b) sufixal...
- c) prefixal e sufixal...
- d) parassintética...».¹⁶

Apesar de não terem citado a regressão entre os «quatro tipos de derivação», as autoras afirmam linhas adiante:

«Existe, no entanto, um processo de criação vocabular — a derivação regressiva — que é feita justamente ao contrário, pela subtração de morfemas. Isto ocorre, por exemplo, com as palavras *caça* (de *caçar*), *corte* (de *cortar*), *descanso* (de *descansar*), em que a desinência verbal do infinitivo e a vogal temática do verbo são substituídas pelas vogais temáticas nominais -a, -e, -o, formando por esse processo, nomes abstratos de ação, denominados *deverbais*».¹⁷

No final do capítulo, em nota relativa à passagem acima, lê-se:

«... mesmo em se tratando de nomes *deverbais*, parece-nos que a derivação regressiva não fica clara para o falante nativo que, geralmente, é levado a considerar o nome como primitivo, por analogia com o que ocorre com os nomes compostos,¹⁸ como *arma* e *prego*, de que se derivam *armar* e *pregar*, respectivamente...».¹⁹

Realmente, o falante nativo, e mesmo o lingüista, não tem meios de saber, sincronicamente, qual é o vocábulo primitivo: **toque** ou **tocar**? **desemboque** ou **desembocar**? **casa** ou **casar**? **pesca** ou **pescar**? **arma** ou **armar**?

Como resolver a questão?

A nosso ver, a solução do problema não é simples. É preciso considerar dois aspectos distintos.

a) Através da **regressão**, a língua está criando ou pode criar novos vocábulos? Parece não haver dúvida com relação a isso. Relembramos os critérios estabelecidos no início deste trabalho para se saber se um processo é ou não, produtivo na língua.

Em primeiro lugar, na linguagem popular há vários exemplos de vocábulos que surgem através da **regressão**:

Vou dar um **chego** na minha casa.

Você precisa sair desse **sufoco**.

Os ladrões deram uma **limpa** na joalheria.

Mamãe vai te dar um **xingo** daqueles!

Fulano é um **analfa** de marca maior!

Em segundo lugar, também entre os escritores surgem inúmeros vocábulos regressivos. É o caso destes exemplos de Guimarães Rosa:

«Muitos homens resmungaram em **aprôvo**, ali rodeando...»²⁰

«... dêsse **trovôo** de alto e rasto, dos gerais, entrementes antes dos **gotêjos** de chuva esquentada...» (72)

«Agora, quem quisesse, podia referir **acusação**, dos crimes que houvesse... e propor **condena**». (200)

«Tenho a honra de resumir circunstância desta decisão, sem admitir **apêlo** nem **revôgo**...» (60)

«... então minha vida virava por entre outros morros, seguindo para diverso **desemboque**». (394)

Esses dois tipos de exemplo, da linguagem popular e da linguagem literária, vêm comprovar que a derivação é um **processo produtivo** de formação de palavras no português contemporâneo. O processo existe na língua e qualquer pessoa poderá fazer uso dela para formar um novo vocábulo.

b) Embora a derivação regressiva seja um **processo produtivo** de formação de palavras, como procuramos demonstrar no item anterior, surge uma dúvida com relação aos termos regressivos já definitivamente incorporados à língua. Nos pares abaixo, é comum estabelecer-se que o verbo é o vocábulo primitivo:

abalar — abalo

chorar — choro

errar — erro

buscar — busca

caçar — caça

censurar — censura

ajudar — ajuda

comprar — compra

pescar — pesca,²¹ etc.

Que critério foi adotado para estabelecer que o nome é derivado do verbo e não, o contrário?

Embora as gramáticas, de um modo geral, não expliquem o porquê desse posicionamento, pode-se deduzir que a tradição gramatical portuguesa tem-se pautado, no caso, por critérios diacrônicos. Com efeito, sob o ponto de vista sincrônico é impossível ao estudioso da língua estabelecer a precedência de um vocábulo sobre outro.²²

A solução será a de se considerar o substantivo como forma básica. Assim, tanto os substantivos tidos tradicionalmente como básicos, como os casos que acabamos de estudar, seriam derivados sufixais:

choro	————→	chorar
erro	————→	errar
rótulo	————→	rotular
olho	————→	olhar
guia	————→	guiar
planta	————→	plantar
almoço	————→	almoçar
janta	————→	jantar
chio	————→	chiar, etc.

Resumindo o que dissemos até agora com relação aos regressivos deverbais, podemos estabelecer duas posições perante o problema:

a) A derivação regressiva é, no português contemporâneo, um processo produtivo de formação de palavras. Qualquer indivíduo pode, através dele, formar um novo vocábulo. É, aliás, o que acontece na linguagem popular e na linguagem literária.

b) Uma vez incorporados ao léxico de uma língua, os vocábulos regressivos perdem a sua condição de regressivos. Sob o ponto de vista sincrônico, o lingüista não tem argumentos para estabelecer que o verbo tem precedência sobre o nome. Desse modo, os regressivos diacrônicos passam a ser considerados primitivos. Os verbos correspondentes tornam-se derivados sufixais.

3.1.5.2. Regressivo sufixal

[x] — [suf.] —————→ [x']

Neste tipo de derivado regressivo, a redução do vocábulo primitivo se dá através da subtração de um sufixo.

Exemplos:

português	————→	portuga
delegado	————→	delega
satisfação	————→	satisfa
transação	————→	transa
madrugada	————→	madrug
comunista	————→	comuna
balzaquiana	————→	balzaca
cesariana	————→	cesária

Todos os exemplos citados pertencem à linguagem popular. Por aí se vê que o processo é realmente produtivo em português.

Em outros casos, tidos tradicionalmente como regressivos, não é possível, com argumentos sincrônicos, estabelecer qual é o vocábulo básico:

sarampo ou sarampão?
frango ou frangão?
gajo ou gajão?
rosmano ou rosmaninho
aço ou aceiro?
malandro ou malandrim?
boteco ou botequim?
asco ou asqueroso?

Estes exemplos foram colhidos nas gramáticas citadas neste trabalho.

O ponto de vista diacrônico colide, mais uma vez, com a perspectiva sincrônica. Os vocábulos **sarampo**, **frango**, **gajo**, **romano** e outros desse tipo são, historicamente, derivados, mas devem ser considerados primitivos na descrição da língua portuguesa contemporânea.

3.1.5.3. Regressivo pseudo-sufixal

[x] — [pseudo-sufixo] —→ [x']

sacristão —→ sacrista
tostão —→ tusta
grã-finagem —→ granfa (ou grã-fa?)

Nestes casos, a redução se deu através da supressão de pseudo-sufixos.

3.1.5.4. Regressivo radical

[x + y] — [x] ou [y] —→ [x'] ou [y']

A leitura da regra é a seguinte: no vocábulo formado por radicais²³ diferentes, dito composto, dá-se a supressão de um dos radicais;

surge, desse modo, um novo vocábulo, derivado do vocábulo composto primitivo.

Exemplos:

odontologia	————→	odonto
eletrocardiograma	————→	eletro
zoológico	————→	zoo
minissaia	————→	mini
fotografia	————→	foto
motocicleta	————→	moto
auto-ônibus	————→	ônibus
automóvel	————→	auto
quilograma	————→	quilo
extraordinário	————→	extra
pornográfico	————→	pornô
poliomielite	————→	pólio
maxi-desvalorização	————→	maxi

3.1.5.5. Regressivo fortuito

[x] — [fortuito x₁] —————→ [x']

Se, de um determinado vocábulo, extrai-se um segmento fortuito, forma-se um novo vocábulo.

Exemplos:

cinema	— ma	————→	cine
cafajeste	— jeste	————→	cafa
Maracanã	— nã	————→	Maraca
confusão	— usão	————→	confa
Bonsucesso	— esso	————→	Bonsuça
pneumático	— mático	————→	pneu
cinematógrafo	— tógrafo	————→	cinema

Observe-se que os segmentos -ma, -jeste, -nã, -usão, -esso, -mático e tógrafo não são elementos mórficos estruturalmente constituídos.

3.1.6. Derivação siglada

$$[GRx/y/z] + [x/GRy/z] + [x/y/GRz] \longrightarrow W = (GRx+y+z)$$

A leitura da regra é: juntando-se grafemas (GR) iniciais das palavras que constituem um vocábulo composto, obtém-se um vocábulo simples, derivado do vocábulo composto primitivo.

São exemplos de derivações sigladas:

Ministério da Educação e Cultura	MEC
Partido dos Trabalhadores	PT
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	IBGE
Ordem dos Advogados do Brasil	OAB
Quartel-General	QG
Código de Endereçamento Postal	CEP
Cadastro de Pessoas Físicas	CPF
Companhia de Saneamento (de Minas Gerais)	COPASA (MG)
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial	SENAC
Movimento Brasileiro de Alfabetização	MOBRAL

Os derivados siglados funcionam na língua como verdadeiros vocábulos. Provam os seguintes argumentos:

Em primeiro lugar, eles se comportam como qualquer vocábulo, pelo fato de gerarem novos vocábulos: ibegeano (de IBGE), petista (de PT), mequiano (de MEC), celetista (de CLT), etc.

Em segundo lugar, as pessoas muitas vezes desconhecem ou não conhecem totalmente o vocábulo composto de onde provém o derivado siglado. Muitos falantes da Língua Portuguesa certamente ignoram a «decomposição» de determinados vocábulos siglados, apesar de serem utilizados com muita freqüência: CEP, CPF, SENAC, PASEP, PIS, INAMPS, etc.

Finalmente, certos vocábulos adquirem um carácter polissêmico e são usados em outros contextos que não os originais:

O QG do candidato é na Rua X.

O time de lá é do mobral (alguém referindo-se a aprendizes, por exemplo).

A aula do Prof. y dá muito ibope.

3.2. COMPOSIÇÃO

O segundo processo geral de formação de palavras em português é o da composição.

A essência desse processo está no fato de que da junção de duas palavras ou dois radicais existentes na língua forma-se um novo vocábulo, dito composto.

A regra da composição é:

$[x] + [y] \longrightarrow [(x\ y)']$

São exemplos de vocábulos compostos:

ferro	+ via	—————>	ferrovia
segunda	+ feira	—————>	segunda-feira
estrada	+ de + ferro	—————>	estrada de ferro
anemo	+ grafia	—————>	anemografia
plano	+ alto	—————>	planalto
auri	+ verde	—————>	auriverde
água	+ ardente	—————>	aguardente
vía	+ andante	—————>	viandante
perna	+ alta	—————>	pernalta
cabeça	+ baixo	—————>	cabisbaixo
plena	+ mar	—————>	preamar
vinu	+ agre	—————>	vinagre
petra	+ óleo	—————>	petróleo
puxar	+ avante	—————>	puxavante
boca	+ aberta	—————>	boquiaberto
ponta	+ agudo	—————>	pontiagudo
mão	+ atar	—————>	maniar
mão	+ cheia	—————>	mancheia
agre	+ doce	—————>	agridoce
pleno	+ lúnio	—————>	plenilúnio
perna	+ longo	—————>	pernilongo
primeiro	+ anista	—————>	primeiranista

Não há, a rigor, no processo de **composição de palavras**, diferença entre **justaposição** e **aglutinação**. Em ambos os casos, dá-se a junção de duas palavras ou dois radicais, para se formar um novo vocábulo. Além disso, não são rígidos os critérios que estabelecem a distinção entre um e outro tipo. Por que, por exemplo, **planalto**, **primeiranista**, **aguardente**, **viandante** e **penalta** são considerados vocábulos aglutinados e **câmara ardente**, **primeira instância**, **trio elétrico**, **calça esporte**, **goma arábica**, **mosca azul**, **Sua Excelência** e outros são tidos como justapostos? Também nestes últimos se dá a aglutinação dos vocábulos, embora não representada na escrita. Além disso, a **justaposição** e a **aglutinação** dizem respeito ao tipo de junção dos elementos formadores; referem-se ao resultado do processo e não, ao processo em si.

Sob o ponto de vista sincrônico, não é possível estabelecer que embora, **fidalgo** e **morcego** sejam vocábulos compostos, apesar de algumas gramáticas descritivas citarem-nos como tal. A palavra **vinagre** é um caso diferente. Trata-se realmente de um vocábulo composto. Sem recorrer à diacronia da língua, podemos dizer que o vocábulo é formado de **vinu** + **agre**. O elemento **vinu-** aparece em **vinicultura**, **vinicultor** ou no adjetivo **vinoso**. **Agre** é uma forma livre em português, variante de **acre**.

A **composição** suscitaria ainda muitas questões para serem discutidas, mas, por questão de espaço, não podemos fazê-lo neste trabalho.

3.3. ONOMATOPEIA

$x \longrightarrow [x]$

A partir da imitação de um dado extralinguístico **x**, pode-se formar um vocábulo **[x]**.

São exemplos de onomatopéia: **miar**, **piar**, **zum-zum**, **reco-reco**, **farfalhar**, **frufriu**, **teco-teco**, **tique-taque**, **zigue-zague**, **ciciar**, **sussurar**, **chilrear**, **coaxar**, etc.

4. CONCLUSÃO

Como conclusão, apresentamos o quadro sinótico dos processos de criação lexical estudados neste trabalho. Os processos vão acompanhados de suas respectivas fórmulas.

DERIVAÇÃO $[x] \longrightarrow [x']$

}	prefixal	$[x] + [\text{pref.}] \longrightarrow [x']$	
	sufixal	$[x] + [\text{suf.}] \longrightarrow [x']$	
	parassintética	$[x] + [\text{pref.} + \text{suf.}] \longrightarrow [x']$	
	prefixal e sufixal	$[x] + [\text{pref.}] + [\text{suf.}] \longrightarrow [x']$	
	regressiva	$[x] - [x_1] \longrightarrow [x']$	
	{	— deverbal	$[x] - [\text{VT} + \text{desin. infinit.}] \longrightarrow [x']$
		— sufixal	$[x] - [\text{suf.}] \longrightarrow [x']$
		— pseudo-sufixal	$[x] - [\text{pseudo-sufixo}] \longrightarrow [x']$
		— radical	$[x + y] - [x] \text{ ou } [y] \longrightarrow [x'] \text{ ou } [y']$
		— fortuita	$[x] - [\text{fortuito } x] \longrightarrow [x']$
	siglada	$[^{\text{GR}}x] + [^{\text{GR}}y] + [^{\text{GR}}z] \longrightarrow [W] = [(^{\text{GR}}x + y + z)]$	

COMPOSIÇÃO

$[x] + [y] \longrightarrow [(x y)']$

ONOMATOPEIA

$x \longrightarrow [x]$

Colocando as fórmulas de lado, o quadro acima pode ser apresentado da seguinte maneira:

PROCESSOS	TIPOS	TUB-TIPOS
DERIVAÇÃO	afixal	prefixal sufixal parassintética prefixal e sufixal
	regressiva	deverbal sufixal pseudo-sufixal radical fortuita
	siglada	
COMPOSIÇÃO		
ONOMATOPÉIA		

Em português, há, portanto, três processos de formação de palavras: **derivação**, **composição** e **onomatopéia**. A **derivação afixal**, **regressiva** e **siglada** são, portanto, os tipos básicos de derivação vocabular. A **derivação afixal** pode apresentar-se sob diversas formas que poderíamos chamar de sub-tipos: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética** e **prefixal e sufixal**. Também a **derivação regressiva** tem os seus sub-tipos: **deverbal**, **sufixal**, **pseudo-sufixal**, **radical** e **fortuita**.

Neste trabalho não consideramos como processos de formação de palavras a **derivação imprópria**, o **hibridismo** e a **reduplicação**. Conforme já foi visto, também não estabelecemos distinção entre a **justaposição** e a **glutinação**.

Não consideramos a **derivação imprópria** como um processo de formação de palavras, nem mesmo como um tipo de derivação, porque, na verdade, quando muda de uma classe para outra, a palavra continua a mesma. Através desse expediente, não se está criando um novo vocábulo.

Observemos os exemplos:

- a — Pedro gosta de caminhar todas as manhãs.
- b — O seu caminhar é seguro e compassado.

a — O homem pobre pediu uma esmola.

b — O pobre esteve aqui.

a — Pedro não veio ainda.

b — Terrível palavra é o não.

a — Paulo voltou, porque estava cansado.

b — Eis o porquê da questão.

Em todos esses casos, ao passarmos dos exemplos da letra a para a letra b, não há a criação de novos vocábulos. Trata-se, isso sim, de casos de polissemia.

Com a polissemia, na verdade, não se criam novos vocábulos; uma mesma palavra adquire matizes de significação diferentes, de acordo com o contexto em que se encontra.

Também não consideramos o **hibridismo** como um processo de formação de palavras no português contemporâneo.

Em primeiro lugar, a origem de determinados elementos mórficos só pode ser estabelecida através da diacronia. É o caso de: **decímetro** (latim e grego), **auto-sugestão** (grego e português), **sociologia** (latim e grego), etc.

Além disso, o processo de formação desses vocábulos já foi caracterizado como sendo o da **composição**.

Em palavras do tipo: **shakesperiano**, **behaviorismo**, **gestaltismo**, **balzaquiana**, **goleiro**, **futebolista**, **buritizeiro** e **goiabeira** dá-se normalmente a **derivação sufixal**.

O **hibridismo** não é um processo de formação de palavras. É um termo utilizado pela gramática histórica para estabelecer que elementos de uma palavra têm origens diferentes.

A **reduplicação** não é também um processo de formação de palavras. Em **tique-taque**, **reco-reco**, **zigue-zague**, **zás-trás**, **zum-zum** e **teco-teco**, por exemplo, estamos diante de **onomatopéias**. Com as **onomatopéias** pode dar-se o fenômeno enfático da **reduplicação**. Mas não se trata de um processo de formação de palavras. Se aceitássemos a **reduplicação** como um processo, deveríamos perguntar: qual é a

palavra básica? Tique em tique-taque? Reco em reco-reco? Zigue em zigue-zague? E assim por diante. Ora, sabemos que tique, reco, zigue e outros não existem como vocábulos.

Em quebra-quebra, vira-vira, esconde-esconde, lambe-lambe, os vocábulos são formados por composição.

Nos pares pai/papai, mãe/mamãe, tio/titio, vô/vovô, vó/vovó e nos hipocorísticos do tipo Zé/Zeze Lu/Lulu, Ju/Juju, não podemos falar num processo de formação de palavras. A reduplicação é também aqui empregada como um recurso enfático. De pai para papai, de mãe para mamãe, de Zé para Zeze e nos outros exemplos citados, não estamos passando de uma palavra para outra. Trata-se de variantes de um mesmo vocábulo.²⁴

Como já dissemos no corpo deste trabalho, também não consideramos a justaposição e a aglutinação como processos de formação de palavras. O fato de serem justapostos ou aglutinados nada esclarece sobre o tipo de formação dos novos vocábulos. Diz mais respeito ao resultado do processo de composição, à maneira como as partes componentes se unem.

A derivação prefixal e sufixal foi considerada como um processo específico de formação de palavras. A derivação regressiva e a abreviação vocabular foram interpretadas como pertencentes ao mesmo tipo de formação de palavras. A formação de palavras através da sigla foi colocada como um dos tipos de derivação.

NOTAS

1. ROSA, João Guimarães. Sagarana. 8. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1967, pp. 235-236.
2. CUNHA, Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa. 5. ed., Rio de Janeiro, MEC/FENAME, 1979, pp. 102-131.
3. BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 19. ed., São Paulo, Nacional, 1972, pp. 174-186.
4. LUFT, Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. Porto Alegre, Globo, 1976, pp. 95-99.
5. MELO, Gladstone Chaves de. Gramática Fundamental da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1968, pp. 86-95.

6. ALI, Said. Gramática Secundária da Língua Portuguesa. São Paulo, Melhoramentos, 1964, pp. 107-124.
7. CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 20. ed., São Paulo, Nacional, 1979, pp. 56-60.
8. SILVA, M. Cecília P. de Souza e & KOCH, Ingedore Villaça. Linguística Aplicada ao Português: Morfologia. São Paulo, Cortez, 1983, pp. 31-37.
9. FREITAS, Horácio Rollim de. Princípios de Morfologia. Rio de Janeiro, Presença, 1979, p. 100.
10. SILVA & KOCH, op. cit., p. 32.
11. ROBINS, R. H. Linguística Geral. 2. ed., Porto Alegre — Rio de Janeiro, Globo, 1981, p. 172.
12. BASÍLIO, Margarida. Estruturas Lexicais do Português: uma Abordagem Gerativa. Petrópolis, Vozes, 1980, p. 40.
13. Id. ib., p. 41.
14. CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
15. CUNHA, Celso, op. cit., p. 119.
16. SILVA & KOCH, op. cit., p. 32.
17. SILVA & KOCH, op. cit., p. 33.
18. Parece tratar-se de um erro tipográfico. Lela-se concretos em vez de compostos.
19. SILVA & KOCH, op. cit., p. 37.
20. ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 5. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1967. Todos os exemplos foram extraídos desta edição.
21. CUNHA, Celso. op. cit., p. 119.
22. Não desconhecemos o critério estabelecido por Mário Barreto, segundo o qual são derivados regressivos os nomes que denotam ação e são primitivos os que denotam algum objeto ou substância. Esse critério não serve de base para nossas considerações, pois a análise que estamos fazendo tem-se pautado por critérios formais.
23. Não concordamos com o conceito de radical, tal como é colocado aqui, mas, por questão de espaço, adotamos a terminologia vigente.
24. Também em latim, com a reduplicação não se passa de um vocábulo para outro. É o caso de tango/tatigi, pendo/pependi, spondeo/spondi, cano/cecini e outros. A diferença do latim para o português é que naquela língua o redobro tem função gramatical, ao passo que em português a reduplicação tem função enfática ou estilística.